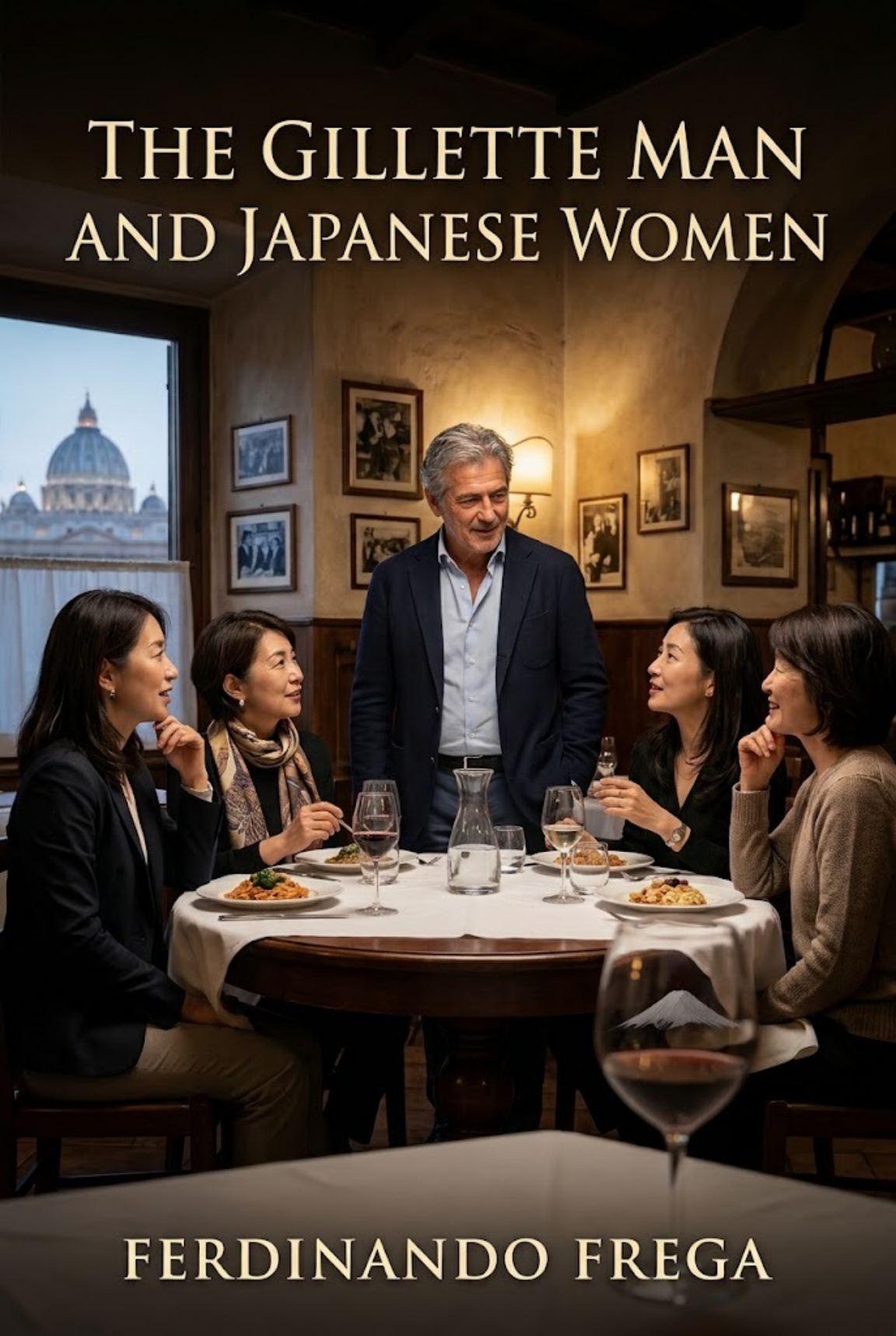
The Gillette Man and Japanese Women



FERDINANDO FREGA

O HOMEM GILLETTE E AS MULHERES JAPONESAS

The Art of Attraction · 11

Eu tinha acabado de chegar a Roma e, como sempre, fiz uma visita à Basílica de São Pedro, no Vaticano. Era a minha única homenagem ao meu primeiro colega da Gillette, aquele que trabalhava o território da Galileia com uma equipe de doze que o seguiam por toda parte. Os números que ele produzia eram tais que, dois mil anos depois, nem Wall Street consegue colocá-lo nas suas cotações.

Eu caminhava pelo corredor que leva à entrada principal, eram onze da manhã, quando um grupo de pessoas chamou a minha atenção com uma frase: HELP ME, PLEASE?

O tempo exato de entender se o pedido de ajuda era para mim e, ao me virar, encontrei os olhos de seis mulheres de traços tipicamente asiáticos: sorridentes logo de cara, luminosas, bonitas, gentis, educadas, elegantes. Entendi na hora que não eram chinesas, as napolitanas de olhos puxados. E, de fato, quando perguntei WHERE ARE YOU FROM, todas responderam juntas: I come from Japan. Mulheres e filhas do Sol Nascente:

MY JAPAN.

Sorrio e me apresento logo, tirando a poeira de um inglês que eu não usava havia algum tempo: NICE TO MEET YOU, MY NAME IS FREGA. E elas respondem calorosamente, em perfeita sintonia, em coro, me chamando de… FREGA SUN.

Caramba. Eu nem falei ainda e já me chamam de sol. Então lá vem a minha pergunta: por que vocês me chamam de sol? Elas caem na gargalhada feito loucas para explicar que o SUN delas não é o sol, mas SAN, a sua forma mais fina de respeito por uma pessoa. Estavam falando em código.

Então eu me coloquei no meio e expliquei o que SAN quer dizer em italiano: é a palavra que damos aos santos católicos, aqueles que foram santificados pela Santa Madre Igreja e passaram para uma vida melhor. E eu ainda não tinha direito ao título, só porque ainda estava vivo.

Pois é. Todas rindo feito loucas.

Eu não sabia mais o que fazer nem o que dizer. O HELP ME PLEASE de antes tinha desaparecido, mas eu estava dentro de um lugar privilegiado e não o deixaria por nada neste mundo: a mente das mulheres.

A mais velha me pegou pelo braço, continuou sorrindo para mim e me convidou a segui-la junto com as outras. Fomos em direção à saída. Pensei que fosse mais uma das brincadeiras do meu colega galileu. Mas para onde estávamos indo?

Algumas ruas, alguns becos laterais, e chegamos a uma trattoria romana, onde elas me convidam para almoçar. Estou surpreso e impressionado, mas tudo isso acontece por um único motivo: as mulheres japonesas têm radar, como todas as mulheres do mundo, mas o delas foi sintonizado de outro jeito pela cultura dos samurais, onde antes de cada vida se coloca o código. Sim, vocês ouviram bem. Estamos em Roma, Itália, mas dentro daquela trattoria elas estavam me dizendo: WELCOME TO JAPAN.

Sentamos a uma mesa rigorosamente redonda. Todos nos olhamos no rosto. Não é o formato de mesa comum numa hospedaria italiana, mas talvez elas a tenham escolhido exatamente por isso.

Elas perguntam quantos anos eu tenho, o que faço da vida, se sou italiano, se sou casado, se tenho filhos. E eu respondo com uma pergunta: é assim que a polícia no Japão interroga os ladrões?

Outra explosão de risadas. Mas elas são curiosas, querem saber, e querem levar sem pedir: são as mulheres do mundo.

Digo a elas que sou um ladrão cognitivo. Na Itália esse papel cabe aos que chamamos de rubacuori, ladrões de corações, que nem sempre são os clássicos latin lovers. Esses funcionavam nos anos cinquenta; agora venceram, como iogurte.

Uma explosão de risadas, mas não consigo saber se riem das piadas, da minha postura, ou se é só cortesia. Então a mais velha do grupo, quase como se pedisse desculpas, explica o comportamento delas e me deixa entrever a cultura japonesa, e ali mesmo entendo que estou dentro de uma das casas que frequentei na minha vida.

Ela começa dizendo que não são seis gansas bobas que grasnam antes de entrar na água: o sorriso é prazer, alegria, respeito, e não apenas um traço emotivo.

Elas não cedem um milímetro na vontade de ter respostas para as suas perguntas, então eu conto que tenho sessenta e um anos, que sou casado, que tenho três filhos, e que tenho

um acordo com a minha esposa, desde 1993, que me permite ficar noivo em qualquer lugar do mundo com uma única condição: que seja com contrato por prazo determinado, e sem dar filhos a ninguém.

Pensei que os sorrisos voltariam a se acender, mas, como num passe de mágica, eles desaparecem, e a versão séria chega a todos os rostos, a ponto de eu me perguntar onde foi que errei.

A mais velha do grupo se aproxima e logo me diz que estão na Itália há trinta dias e conheceram muitas pessoas, mas que ninguém nunca se comportou com essa honestidade intelectual. Em resumo: um elogio.

Nunca tive um momento de me perder nem um conflito com a minha própria personalidade, nem um ego a quem prestar contas. Mas eu sabia que naquele exato momento eu estava cognitivamente no alto do Monte Fuji, só que do lado errado, dentro de uma trattoria romana.

Minha rápida reflexão ainda nem se desfez quando a mais jovem se vira para mim e diz: Mr. Frega Fuji. E eu: minchiaaaaa.

Eu a procuro dentro do seu olhar, dentro dos seus olhos, e digo a ela com ternura: querida, obrigado pelo Fuji, mas agora tenho que ir, a hora passou. Antes, porém, deixo sobre a mesa os meus cartões de não-visita da gillettenarrative.com, um para cada uma delas.

Elas ficam impressionadas. Conhecem aquele site. O Japão inteiro o conhece; foram as primeiras do mundo a descobri-lo. Talvez só agora eu entenda o motivo.

Os códigos que meu pai me deixou: nunca tive a oportunidade de perguntar a ele se já tinha estado no Japão, mas de uma coisa tenho certeza. As seis mulheres os decifraram e, em silêncio, deram o seu veredito.

Vou embora. Deixo algum dinheiro sobre a mesa para o almoço delas, e vejo todas chorando juntas. Penso que estão ofendidas porque não fiquei noivo de nenhuma delas. Em vez disso, todas acenam em coro, dizendo:

ciao gillettenarrative

Ferdinando

Ele não vende mais. Ele conta.

E faz isso de graça, para as mulheres que realmente o veem —

às quais nunca tinha dedicado nada.

Honra às mulheres do mundo.

O sucesso de um homem sempre passou, e somente, pelos braços delas.